

Congresso reabre sem condições de influir

LEITE FILHO

Da Editoria de Política

O impeto com que os novos senadores e deputados começam a atuar, com a abertura efetiva, amanhã, do Congresso eleito a 15 de novembro, não deverá ser porporcional à turbulência dos últimos acontecimentos que produziram no recesso a reforma da política salarial, o escândalo Baumgarten e agora a maxidesvalorização do Cruzeiro.

E que fatores supervenientes, como a posse dentro de 15 dias dos novos governadores de Estado, incluindo 10 da Oposição - que exigem uma atmosfera tranqüila para não sofrer contratemplos - e a própria contradição dos fatos políticos, que, por exemplo, divide as oposições, quando elas, aparentemente, têm tudo para se reunir, tendem a falar mais alto do que a paixão e o natural arrebatamento dos novos parlamentares.

Os calouros, principalmente da Oposição, que se preparam neste longo recesso de três meses para "botar pra quebrar" e chegam a Brasília sôfregos para assomar à tribuna, descobrirão, certamente com amargura, que a maioria oposicionista conquistada a duras penas no pleito ameaça esfacelar-se.

O PTB e o PDT demonstraram, nas primeiras articulações, que se situam mais próximos do PDS do que do PMDB; enquanto o minúsculo PT se debate numa linha radical, que já desperta ciúmes entre peemedebistas de linha de frente, como o pernambucano Roberto Freire, que avisou que seu partido "não se dispõe a ficar a reboque de nanicos".

IMPOTÊNCIA

Eles também assistirão impotentes ao sepultamento da CPI do Caso Baumgarten, um verdadeiro *filé mignon* que poderia fazer uma devassa completa na misteriosa comunidade de informações, o verdadeiro cerne do poder militar-tecnocrático.

O jovem deputado Márcio Santilli, do PMDB de São Paulo, um dos primeiros eleitos a chegar à Câmara, se verá, naturalmente, na contingência de atenuar o tom explosivo do discurso que pretende fazer a menos que não queira ser ouvido ou tenha repercussão.

Santilli, filho do ex-deputado Santilli Sobrinho, um dos mais aguerridos do PMDB, e que acaba de deixar a Prefeitura de sua cidade natal, Assis, já teve sua primeira frustração, quando pediu para se inscrever para falar da tribuna.

As inscrições, como lhe explicou o funcionário que o atendeu, só começam a 1º de março, juntamente com a sessão de abertura dos trabalhos que, pelo seu caráter solene, não comporta debates, nem discursos da vala comum dos deputados. Só os presidentes ou líderes da Câmara e do Senado têm direito a fazer discurso, e o Ministro Chefe do Gabinete Civil, a ler a mensagem do Presidente da República sobre a situação do País.

A oportunidade de falar será outro grande problema para os neófitos, que terão de passar a noite na fila para inscrever-se para o Grande Expediente e conseguir meia hora em um mês para fazer um discurso.

ENGRENAGEM

Para fugir a este esquema rígido, eles terão de fazer concessões aos líderes, que têm mais horários disponíveis, disputar o estreito espaço do Pequeno Expediente, o "Pinga Fogo", horário mais destinado a recados eleitorais e que chega a comportar 50 discursos por dia.

Eles vão assim aos poucos e a muito custo familiarizando-se com a enorme engrenagem parlamentar, que ficou ainda mais complexa com o aumento da representação da Câmara, de 420 para 479 deputados. Até chegar lá, os novíços vão perder muito tempo, brigar muito, fazer inimizades e, quando se aprestarão para falar, já terão diminuído muito a carga emotiva que os inspirara a campanha eleitoral e toda a conjuntura brasileira.

A desarticulação dos partidos de Oposição - PMDB, PDT, PTB e PT -, que não tiveram unidade suficiente para se mobilizarem através de um bloco majoritário e fazer o PDS funcionar como a minoria que é, constitui outro fator inibidor do impulso que muitos esperavam do novo Congresso.

Mais articulado, ainda que acossado pela violenta crise econômica e os escândalos que explodem dentro do Governo, o PDS vai ganhando terreno, através sobretudo da exploração das contradições dos partidos oposicionistas.

As composições que redundaram na formação da nova Mesa Diretora, que acabaram diminuindo o poder de fogo do PMDB, que se viu obrigado a abrir mão de um cargo, tende a repetir-se na divisão das comissões técnicas e, dali, para o plenário.